

Recebido:	04/04/2022
Publicado:	28/02/2023

## PAPEL, LAMA E TÁBUAS: A RELIGIOSIDADE EM CAROLINA MARIA DE JESUS

Maria Antônia Marçal<sup>1</sup>  0000-0002-5088-8138  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

**RESUMO:** O presente artigo visa apresentar considerações iniciais da pesquisa iniciada sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus no qual se identifica as marcas religiosas presentes em sua escrita. Neste sentido, o presente texto será organizado a partir de três eixos: apresentação de Carolina personagem central desta trama pontuando como esta despontou como temática de minha pesquisa histórica, num segundo momento abordarei o silenciamento das marcas religiosas nas biografias sobre Carolina. E, por fim, apresentar as reflexões de Carolina na obra Diário

de Bitita e Quarto de Despejo onde se evidencia as marcas religiosas desta escrita. É importante frisar que, este olhar sobre este indivíduo multifacetado, por vezes contraditório, que é Carolina Maria de Jesus é orientado pelas reflexões de (LORIGA, 2011) na medida em que as experiências individuais asseguram a quebra de coerência no discurso historiográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade. Carolina M. Jesus. Biografia.

## PAPER, MUD AND BOARDS: RELIGIOSITY IN CAROLINA MARIA DE JESUS

**ABSTRACT:** This present article objective to show some preliminary considerations of the research about writing of the Carolina Maria de Jesus where the identity of the religious sign in the writing. In this respect, this text will be organized as of the three axles: first a presentation of Carolina's, the second moment will talk about the silence of the religious signs of the biographies about Carolina. And so, to show of the Carolina's

reflections in the Diaries Of the Bitita and The Trash Room where it is possible see the religions signs this writing. Is important to spotlight that to explain this multiple person, sometimes contradictory, that Carolina Maria de Jesus is orientated for reflections of the Loriga (2011) already that person experiences can break the consistency in the historiography discourse.

**KEYWORDS:** Religiousness. Carolina Maria de Jesus, Biography.

## 1. Introdução

A questão norteadora da reflexão deste artigo diz respeito ao silenciamento das marcas religiosas entendidas aqui como estruturantes da escrita de Carolina não foram apontadas por seus biógrafos? Os caminhos percorridos por Carolina evidenciam como uma realidade pode ser apreendida de forma distinta por diferentes sujeitos. Os meios de comunicação evidenciam um país progressista enquanto nos relatos de Carolina a realidade se mostra de outra forma. Poderíamos afirmar que numa Carolina residem muitas outras, o objetivo deste artigo é oferecer um olhar, ou seja, uma possibilidade de reflexão acerca desta autora.

A atividade de pesquisa sobre Carolina Maria de Jesus se iniciou com a leitura do Diário de Bitita (1982). Assim, meu primeiro contato com a autora teve como porta de entrada uma obra lançada após sua morte e não aquela que lhe dera, num curto espaço de tempo, fama e reconhecimento, Quarto de Despejo (1960). Assim, no decorrer deste processo de aproximação com a autora posso afirmar que estabeleci um contato com a autora e sua escrita, percorri o Quarto de Despejo (1960) e o cenário da favela do Canindé e com ela adentrei a Casa de Alvenaria (1961), Pedacos da Fome (1963) e Provérbios (1963). Neste percurso, é possível afirmar que ao debruçar-me sobre estas obras, fontes desta pesquisa histórica, conheci a trajetória de Carolina em diferentes momentos de sua vida do anonimato ao silenciamento.

Desta forma, poderia dizer que meu encontro com Carolina Maria de Jesus se deu em doses homeopáticas aqui e acolá perscrutando de forma curiosa a trajetória de uma escritora improvável como assinalou Rufino (2009). Entretanto, aproximando de forma mais intensa fui percebendo nas narrativas desta escritora certas particularidades que me ofereceu um mote para o desenvolvimento desta pesquisa. Carolina Maria de Jesus nos mostra São Paulo a partir do ponto de vista dos moradores do Canindé, daqueles que foram colocados à margem do Tietê, à margem de São Paulo, à margem da sociedade. Deste lugar, das margens, ela ressignifica obras e autores com os quais teve contato ao longo de sua vida, como assinala Miranda (2013) e lança sobre a cidade e seu cotidiano um olhar. Assim, ela materializa reflexões que integram sua narrativa diarística em Quarto de Despejo (2014).

Através do Quarto de Despejo Carolina revela a cidade e a desigualdade de condições vivenciadas pela população migrante que em busca de melhores oportunidades ali chegavam. Sua escrita cotidiana parece ter lhe proporcionado pensar/refletir sobre si, seus sonhos, anseios, sua luta cotidiana pela sobrevivência. A problemática posta nas reflexões preliminares desta

pesquisa parte do seguinte questionamento: qual foi a estratégia utilizada por Carolina Maria de Jesus para construir este olhar ou ainda, uma reflexão sobre seu cotidiano e, simultaneamente, a cidade de São Paulo? De que forma a religiosidade estruturou sua narrativa?

## 2. Discussões teóricas e metodológicas

### 2.1. Carolina em foco

Na obra, *Cinderela Negra*, os historiadores José Carlos S. Bom Meihy e Robert Levine (2015) apresentam relatos de entrevistas realizadas com pessoas que conviveram com Carolina, vizinhos, assistente social e filhos. Esta obra traz ainda dois textos de autoria de Carolina possuindo um caráter muito importante porque os autores são responsáveis por organizar o acervo das produções de Carolina. Através desta obra podemos, entre outras coisas, perceber como os filhos de Carolina vivenciaram o cotidiano no Canindé e a mudança para uma nova realidade, a tão sonhada casa de alvenaria. É interessante um olhar mais atento para Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus, que ao longo dos anos tem se dedicado a manter viva a memória de Carolina.

Poderíamos nos perguntar quem foi Carolina Maria de Jesus? Como esta mulher singular alcançou destaque na literatura brasileira na década de 1950/60? Pode-se afirmar que ela trilhou um caminho incomum sendo mulher, negra, catadora de papel, mãe solteira e moradora da extinta favela do Canindé, em São Paulo.

Audálio tinha ido à inauguração de um parquinho na favela, só que marmanjos, vagabundos, resolveram invadir os brinquedos, e iam quebrar tudo antes que as crianças brincassem pelo ao menos uma vez. Foi minha mãe que chamou a polícia, mas avisaram também o jornal, e assim o Audálio apareceu. Os caras ainda estavam no parquinho, e minha mãe, do outro lado da grade, gritava alto: “*Vou pôr vocês no meu livro, vocês vão ver só!*” [Foi isso que chamou a atenção do repórter] (BOM MEIHY & LEVINE, 2015, p. 82).

O episódio descrito acima, relatado pela filha, Vera Eunice, integra o projeto desenvolvido por José Carlos Bom Meihy e Robert Levine que culminou na organização do acervo pessoal de Carolina e a publicação de textos póstumos como o *Diário de Bitita* (1986).

A obra *Quarto de despejo* foi lançada em agosto de 1960 e vendeu nos primeiros seis meses 90 mil cópias, sendo publicado em 13 línguas em mais de 40 países. Segundo Bom Meihy & Levine (2015) a obra se equiparou em vendagem à Jorge Amado. Conhecer os caminhos percorridos por Carolina e a forma como ela foi consumida e/ou percebida não somente pela mídia, mas pela intelectualidade negra da época é de fundamental importância. É necessário ainda, acrescentar uma peculiaridade marcante na escrita de Carolina em cuja tese se fundamenta este artigo de que a religiosidade presente nos textos da autora indicam ser a chave de sua compreensão do mundo.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914, sua família residia num bairro pobre da cidade onde a população negra buscava a sobrevivência, se movendo num território onde outrora existia a escravidão. Sua mãe era Maria Carolina de Jesus e trabalhava como lavadeira na casa de D. Mariquinha (Maria Leite). Recebeu desta um incentivo para matricular sua filha Carolina no Colégio Allan Kardec, escola particular, espírita, fundada por Eurípedes Barsanauf. Castro & Machado afirmam que: “ Carolina *aprendeu a ler, a escrever e a contar, ao mesmo tempo em que recebia ensinamentos de espiritismo. Frequentou também o catecismo na Igreja e gostava muito dos padres Pedro e Julião*” (CASTRO & MACHADO, 2007, p. 19).

As obras de Carolina apresentam como marca de sua narrativa a presença de elementos religiosos que se configuram na escrita caroliniana como um elemento através do qual a autora compreende a realidade. O universo simbólico de Carolina presente em suas produções apresenta a marca da religiosidade. Contudo, percebe-se nas biografias uma atenção reduzida a este elemento ou mesmo, um total apagamento desta marca na tessitura da escrita caroliniana. Uma questão latente nesta equação seria entender o motivo desta recusa e/ou silenciamento.

No entanto, na autobiografia de Carolina *Diário de Bitita* (1986) composta por contos diversos é possível perceber a tensão racial entre negros e brancos bem como o constante diálogo com o transcendente que se faz de forma presente no texto. Seja para demonstrar as injustiças sociais, seja para elaborar uma reflexão sistematizada sobre seu universo e as formas de opressão engendradas, forjadas nas questões raciais. A construção de uma narrativa marcada pela exclusão do negro se evidencia em diversos momentos tais como as considerações sobre a moradia destacando a sobreposição dos meninos brancos sobre os negros.

Nas festas religiosas dos negros os brancos não participavam. O único espaço social em que a população negra era “aceita” era a igreja, ainda assim, os horários das missas eram diferenciados para negros e brancos. “ Quando um homem preto avistava um soldado entrava

dentro da igreja e ajoelhava aos pés do altar. Permanecia vários minutos orando. Na igreja ele estava protegido. O soldado não ia admoestá-lo, não ia interpelá-lo (JESUS, 1986, p. 76).

Os territórios/espacos reproduziam de certa forma a ordem colonial, baseada em preceitos raciais, oferecendo espacos distintos para brancos e negros. Esta última, presente em suas narrativas autobiográficas delimita sujeitos e grupos sociais: negros e brancos e sua mobilidade/ação dentro do tecido social (Sacramento). O espaco da igreja é apresentado de duas formas: acolhedor da população negra que se refugiava neste espaco para fugir da violência da polícia e, simultaneamente segregador, normatizando o “status quo”.

Algumas indagações acerca da situação da população negra aparecem na obra *Diário de Bitita*”:

Será que os mortos brigam? Será que o salão de baile lá do céu é grande, ou está toldo? Será que as mulheres lá do céu dormem com homens? Será que os policiais lá do céu batem nos pretos? Será que os mulatos lá do céu não gostam dos negros?” (JESUS, 1986, p. 76).

Segundo Miranda (2013) a escrita para Carolina parece estar atrelada à sua existência. O Quarto de Despejo, tomado como produto cultural, teve uma significativa circulação marcando diferentes esferas de produção artística de São Paulo tais como: teatro, cinema e música. Poderíamos afirmar que esta obra propiciou dois movimentos interessantes na vida da autora, por um lado deu-lhe visibilidade e por outro entrincheirou sua produção literária cuja característica ultrapassava o estilo de produção cunhada por Audálio Dantas: escrita de diários. Assim, através de supressões Audálio elimina da escrita da autora elementos denotativos de erudição moldando-a de certa forma a um público específico ávidos por consumir a miséria (Perpétua, s/d, p. 68-69) e as histórias de uma escritora improvável como enfatiza Santos.

### **3. Biografias de Carolina e o silenciamento das marcas religiosas**

A biografia se tornou um tema de profunda reflexão entre os historiadores nos últimos anos. A centralidade desta discussão trouxe no seu cerne elementos de reflexão epistemológica no que tange à produção do conhecimento histórico. Por um lado, a biografia trazia nos seus pressupostos elementos ancorados à uma história elitista, e, por conseguinte, à uma história tradicional do século XIX. Por outro lado, ao retornar ao centro dos debates dos historiadores ela delimita, instaura novas provocações e/ou desafios à disciplina. O retorno da biografia na

centralidade dos debates historiográficos na década de 70 nos mostra este movimento. A micro-história surge neste contexto trazendo consigo a pretensão de elaborar explicações gerais a partir das experiências individuais. Trata-se de um momento em que as questões latentes postas aos historiadores eram: a vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Os testemunhos pessoais permitem formular hipóteses de ordem geral?

Avançar na senda aberta pelos *Annales* implica em superar este caráter generalizante já que esta impede de vermos o que é singular. Ancorar-me-ei nas reflexões de Loriga (2011) buscando compreender a singularidade de Carolina Maria de Jesus buscando aproximar-me deste sujeito ordinário que observou atentamente o discurso desenvolvimentista, do então presidente, Juscelino Kubitschek (1956-1961) e, buscou evidenciar no seu diário Quarto de Despejo as contradições deste projeto. Assim, poderíamos nos perguntar sobre qual é o espaço da biografia nas reflexões historiográficas?

Para Soihet (2003) os estudos biográficos lançam uma luz sob aspectos e sujeitos invisibilizados na história tais como as mulheres. Se por um lado, ela parece remeter à uma história tradicional, por outro lado é nela que vislumbramos uma história mais “*desarrumada e/ ou desajustada*” rompe-se com uma tentativa de invisibilizar os sujeitos históricos, silenciando-os. É importante destacar que muito embora não se tenha a intenção de fazer um estudo biográfico sobre Carolina Maria de Jesus no decorrer desta pesquisa, deparei-me com o olhar dos biógrafos sobre Carolina. Este caminho me pareceu necessário para conhecer essa escritora pela lente de outros escritores.

É sabido que um indivíduo experimenta a relação com o tempo e sociedade de formas distintas. Desta forma, um acontecimento histórico pode ser apreendido de formas distintas por diferentes sujeitos, isto porque, sua relação com o tempo e a realidade são atravessados pela relação que este estabelece ou não com o que acontece ao seu redor. Ao buscar estabelecer uma relação entre biografia e história (LORIGA, 2011) a autora faz uma aproximação da história com outras áreas do conhecimento, como a literatura por exemplo, já que as transformações epistemológicas operacionalizadas nas áreas das ciências humanas e sociais exercem influência no campo historiográfico. Contudo, esta aproximação exige cautela, como assegura Loriga (2011), já que o trabalho dos historiadores possui certas especificidades que delimitam, norteiam e organizam a prática de investigação.

Podemos afirmar que o conhecimento histórico não “domestica” o passado. A verdade histórica e, por conseguinte, o papel do historiador se apoia em documentação para imaginar o passado e, a partir destas, construir uma narrativa histórica. Loriga afirma que a história

“enquanto discurso sobre a realidade é igualmente um relato que, onde necessariamente se recorre a alguns dos instrumentos da ficção: ela cria uma continuidade entre os rastros descontínuos do passado, desenha uma trama, coloca em cena personagens, utiliza-se da analogia e da metáfora”. (LORIGA, 2011, p. 231).

Ainda que a aproximação entre história e literatura siga com cautela e paciência, a biografia se configura como uma aproximação entre estas duas áreas do conhecimento buscando estabelecer uma conexão entre indivíduo e contexto.

### 3.1 Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável

Joel Rufino dos Santos (1941 - 2015) historiador, romancista e ativista social - militante negro. Sua militância política teve início na luta contra a ditadura militar Rufino foi preso político durante a ditadura, Rufino possui várias publicações que abordam a temática de história e cultura afro-brasileira e africana.

Rufino inicia sua obra narrando a morte de Carolina, este elemento nos fornece um diferencial nas biografias analisadas da autora. Ele descreve não somente a morte física de Carolina mais também, seu isolamento em Parelheiros, memórias diversas que se entrelaçam com o presente de uma mulher fraca, idosa e que necessitava dos cuidados do filho.

Daí a um tempo, que não soube medir, senti de novo falta de ar. Dia seguinte achou melhor mudar para a casa do Zé Carlos, no mesmo terreno. Com a filha, Vera Eunice, não se dava bem, reclamava que Carolina dava moleza a Zé Carlos, sempre cheirando à fumaça, sem trabalho fixo. Avisou à nora que ia à cidade, já se sentia melhor. Ia pegar o ônibus que caiu, rolou num pequeno barranco, a meteram no carro velho. O dono do carro era Dentista, ou Bombeiro, ou capitão Ranieri, seu velho conhecido.” (SANTOS, 2009, p. 13).

Para o autor, Carolina era alienada, este ponto me parece central na sua argumentação. Santos (2009) enfatiza que Carolina se alienou do mundo num movimento apontado pelo autor como autonomia em relação ao mundo que viveu.

Nós, seres humanos, em algum ponto da nossa trajetória nos separamos dos animais – nos alienamos, portanto, para existirmos como humanos. Alienação, neste caso, é um ato de autonomia. Carolina foi alienada – é a conclusão a que cheguei anos depois – nos dois sentidos: ela se colocava quase sempre do lado contrário ao da sua condição de mulher, negra favelada e, ao mesmo tempo, foi autônoma com relação ao mundo que viveu – e neste sentido, se alienou

do seu mundo que não comportava o ofício de escritor (SANTOS, 2009, p. 20).

Estas reflexões partem de um *lócus*, que o autor deixa evidente no texto, de um intelectual negro, de classe média e que nunca passou fome. Seu encontro com o best-seller de Carolina pode ser indicado como um duplo movimento de espanto e recusa. A recusa em ler Carolina, como é pontuado pelo autor, o conduz a um duplo posicionamento: de soberba e incredulidade, afinal se tratava de uma favelada escritora. O lugar de militante pode ter condicionado a recusa inicial, o afastamento já que o Quarto de Despejo se tornara um produto cultural do capitalismo.

Contudo, Santos pontua na escrita de Carolina manifestações do seu talento literário que podem ser evidenciadas através da capacidade de criar imagens, possuir um ritmo na escrita e a concisão, capacidade de dizer muito em poucas palavras. Se a literatura é para o autor a arte de produzir encantamento ao entrar no Quarto de Carolina nos deparamos com a fome em suas múltiplas formas. A relação que se estabelece nos textos carolinianos entre a narradora personagem e o leitor faz com que este perceba os espaços ocultados da paisagem urbana da metrópole paulista: a favela e o cotidiano dos seus moradores.

Para Santos, Carolina seria uma espécie de clone de Isaura<sup>ii</sup> já que Carolina criou em seus textos personagens com características semelhantes à esta personagem. Podemos avançar neste ponto e intuir que a existência de Carolina, o seu estar num mundo que parece não ser seu configurou-se como uma questão latente. Ela não se enquadra na favela por valorizar a leitura e a escrita e, ao mesmo tempo, não era aceita na academia por ser favelada. A alcunha de favelada presente na capa do seu livro provocou um certo frenesi na academia, afinal Carolina inaugurou de forma audaciosa uma nova forma de escrita, uma produção em primeira pessoa, territorializada, corporificada. E, por outro lado, sua escrita provocou recusa na academia. Contudo, sua escrita acaba por inaugurar uma escrita feminina, sem receio e, talvez um pouco mais distanciada de uma escrita circunscrita ao masculino. Ela ousou de forma surpreendente desafiando escritoras consagradas como Clarice Lispector, Cecília Meireles entre outras, como assinala Bom Meihy (2016).

A biografia de Santos (2009) sobre Carolina aborda de forma rápida o pertencimento religioso de Carolina caracterizado como católico-espírita. Contudo, o objetivo do autor não é explorar esta temática mas apresentar um uma diversidade de elementos que ajudam a compor o cenário. Neste sentido, emergem de sua escrita recursos diversos como: notícias de jornal,

reportagens que servem como contextualização e, por vezes, para inserir temáticas como racismo, os textos de Carolina aparecem na obra com o qual elaborou um diálogo.

Flores (2010) analisa as memórias africanistas presente no Diário de Bitita. Para o autor, esta obra possui vários elementos que tornam possíveis compreender a situação do negro pós-abolição. O diário apresenta um componente autobiográfico, valor documental e um componente ficcional onde a pobreza vivenciada pela população negra no pós-abolição adquire um tom de descoberta de si e, porque não afirmar de sua identidade, de seu pertencimento étnico.

[...] a narrativa caroliniana pode conter esta ambivalência (literatura negra e de protesto) sem prejuízo de análise desde que não se perca de vista a complexidade cotidiana de seu lugar social, a favela, “quarto de despejo”. A escrita negra de Carolina continua sendo um desafio para os historiadores que ignoram o negro e a mulher negra no século XX (FLORES, 2010, p. 8).

Ainda segundo Flores na obra Quarto de Despejo elementos relacionados à pobreza e à negritude são marcados de forma incisiva e mais realista. A pobreza aparece na escrita de Carolina como denúncia, neste sentido, suas reflexões acerca desta escritora se distancia de Santos (2009) que muito embora perceba na obra de Carolina elementos de denúncia racial, de compreensão sistêmica do racismo denominava Carolina de negra sozinha. Por outro lado, seu contemporâneo Solano Trindade enfrentou o racismo de forma coletiva atuando em instâncias associativas que o conduziu à prisão durante a ditadura militar.

### 3.2 Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus

As autoras Castro & Machado (2007) desta biografia de Carolina utilizam uma frase de Carolina que integra as reflexões de Carolina em seu livro Quarto de Despejo. Esta frase revela o eu de Carolina e, ao mesmo tempo, mostra como as demais pessoas, moradoras da favela do Canindé a enxergavam. É preciso elucidar o contexto desta frase que aparece em outros momentos. Os moradores do Canindé a criticavam por não beber como se ela quisesse ser mais do que eles. Ela tecia um elogio a si mesmo ao dizer: muito bem, Carolina!

As autoras desta biografia são da área da psicologia e abrem a obra tecendo agradecimentos aos pesquisadores que auxiliaram a pesquisa, à Vera Eunice pelos relatos/entrevistas e aos leitores atentos que, com o olhar crítico, leram a obra. O lugar de

formação destas pesquisadoras é perceptível pelo esforço empreendido em descrever Carolina, sobretudo subjetivamente a partir das pistas deixadas nos diários, dos relatos dos filhos, entre outros. Para Castro & Machado (2007) a ditadura militar silenciou Carolina. O processo de redemocratização teria tornado a escritora mais conhecida.

A obra biográfica se organiza numa perspectiva cronológica situando Sacramento e as memórias de Carolina da infância como início da jornada. Em seguida, a chegada de Carolina a São Paulo e a descrição do contexto histórico vivenciado pela população paulista. Algumas temáticas ganham destaque nesta narrativa tais como: a Segunda Guerra Mundial e o problema da habitação nesta cidade, Carolina e Audálio e Carolina Maldita na tão sonhada casa de alvenaria e, sua vida em Parelheiros. É importante destacar que para as autoras a religião não ocupa um lugar de destaque na vida de Carolina “ a religião, como ritual, ocupa um espaço pequeno na vida de Carolina.” (CASTRO & MACHADO, 2007, p. 47). No entanto, elas descrevem os poderes mediúnicos dos quais Carolina tem ciência e relata em seu diário. Uma questão que merece um olhar atento nesta biografia, diz respeito à compreensão das autoras acerca da religiosidade e suas manifestações. A religiosidade apontada pelas autoras parece estar assentada em ritos. As manifestações que se desenrolam fora deste território são desconsideradas pelas autoras, não são reconhecidas e/ou legitimadas.

### 3.3 Diário de Bitita e Quarto de Despejo

A compreensão de um sujeito se faz pela análise de diferentes elementos que o constitui. Olhar para este sujeito múltiplo em movimento, no tempo e no espaço nos permite elaborar uma interpretação que o apresente de forma “desarrumada” na complexidade própria do ser humano.

Em Diário de Bitita (1986) obra póstuma de Carolina Maria de Jesus, as marcas da religiosidade se evidenciam com força. As rezas, elemento que dava deferência ao seu avô na cidade integram suas memórias de Sacramento e, essas lembranças aparecem acompanhadas de uma reflexão sobre a sociedade, o racismo. A igreja ao mesmo tempo que normatizava as desigualdades raciais numa sociedade interiorana no pós-abolição impondo horários diferenciados de missas para brancos e negros. Por vezes, servia de refúgio para a população negra quando estes adentraram aquele espaço sagrado. As memórias do passado recente a escravidão tece as narrativas de Carolina.

Os negros adoravam Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus (JESUS, 1986, p. 59).

Assim, as rezas ou ainda os relatos de indivíduos pertencentes à igreja adquirem na sua escrita um veículo através do qual ela fornece suas impressões acerca das injustiças sociais e das desigualdades raciais sofridas pela população negra. Tal elemento se torna evidente quando ela exprime seu ponto de vista sobre a construção da arca de Noé: “que um rei medíocre obriga o povo a trabalhar para completar sua arca?” (JESUS, 1986, p. 201).

Podemos perceber de forma bastante evidente tanto em Quarto de Despejo (2014) como no Diário de Bitita (1986) a presença de elementos religiosos na constituição da narrativa de Carolina. Na obra Quarto de Despejo ela utiliza expressões do campo religioso para nomear espaços/territórios. Ela cria categorias imagéticas para significar espaços tais como: favela é descrita como inferno, por outro lado ao transitar pela cidade e suas casas de alvenaria definia aquele espaço como paraíso. “Aqui nesta favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo.” (JESUS, 2014, p. 91).

Em outros momentos percebemos a utilização de terminologias do campo religioso sendo operacionalizadas para compreender a realidade, o ideal de modernidade, as desigualdades sociais vivenciadas por uma moradora que tudo observa e analisa das margens do rio Tietê, da favela do Canindé:

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: Não chores por mim. Chorai por vós. Com suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? É igual ao governo do Juscelino! (JESUS, 2014, p. 134).

Desta forma, fica evidente que Carolina em sua escrita utilizava elementos do campo da religiosidade com o objetivo de articular questionamentos e problematizações sociais através de elementos e/ou discursos religiosos que, não a “domesticavam” como sujeito histórico, pelo contrário permitia-lhe traduzir seu universo simbólico, desvelar as desigualdades sociais e raciais. Enfim, possibilitou-lhe reunir elementos para se situar no mundo e nele se movimentar.

#### 4. Considerações finais

O Quarto de Despejo conduziu Carolina Maria de Jesus para espaços e grupos sociais distantes do seu universo simbólico. Se, por um lado, ela se “isolava” na favela, caracterizada pela autora como quarto de despejo, na sala de visitas ela parecia não encontrar seu lugar. A escrita e a leitura dava à Carolina um caráter existencial, podemos assinalar que orientava o seu “estar no mundo”. Contudo, este mundo não a recebeu como escritora sua imagem fora construída sob a alcunha de “ex-favelada”. Ao situar-se neste território onde emerge seu discurso, sua fala e sua escrita é rejeitada pela academia que descaracterizava, ou mesmo, inferiorizava sua produção literária.

As obras de Carolina, indicadas como fonte de pesquisa, apresentam como marca de sua narrativa a presença de elementos religiosos que se configuram na escrita caroliniana como um elemento através do qual a autora compreende a realidade. O universo simbólico de Carolina presente em suas produções apresenta a marca da religiosidade.

É importante destacar que nas obras de Carolina, em especial em Diário de Bitita (1986) nota-se a tensão racial entre negros e brancos bem como o constante diálogo com o transcendente. A construção de uma narrativa marcada pela exclusão do negro se evidencia em diversos momentos tais como as considerações sobre a moradia onde se demonstra a exclusão deste grupo social, bem como, o relato sobre as festas onde se evidenciam a sobreposição dos meninos brancos sobre os negros. Nas festas religiosas dos negros os brancos não iam. O único espaço social em que a população negra era “aceita” era a igreja, ainda assim, os horários das missas eram diferenciados para negros e brancos.

O mundo, habitado por Carolina e tantos outros negros Brasil afora, parece ter sido construído de modo a cercear a mobilização destes indivíduos na sociedade. Os territórios negros eram bem definidos reproduzindo de certa forma a ordem colonial baseada em preceitos raciais oferecendo espaços distintos para brancos e negros. A solidão em Carolina observada por Santos (2009) é sentida em sua escrita como negra e pobre, o domínio da leitura e da escrita a tirava de um lugar comum onde esteve relegada à comunidade negra. No entanto, fora deste universo de tábuas, lama e papel sua escrita não era valorizada.

A leitura e a escrita caroliniana apresenta uma peculiaridade pouco evidenciada nas produções acadêmicas sobre a autora e suas obras em que o viés religioso parece se constituir como uma chave de interpretação da realidade. Estas marcas religiosas se evidenciam nas seguintes obras: Quarto de Despejo, Diário de Bitita, Casa de Alvenaria, no romance Pedacos

da Fome bem como na obra *Provérbios* evidenciando que a religiosidade em Carolina ordena sua compreensão da realidade num jogo latente de aceite e recusa que marca a escrita de Carolina.

#### REFERÊNCIAS:

- BORGES, Valdeci R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**. Ano I, n. 3, Jun/2010, UFG, p. 94-109. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658> Acesso em: 12/12/2022.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª ed. rev. RJ: Zahar, 2008.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Belo Horizonte: Arte, 2007.
- FLORES, Elio Chaves. Palavras afiadas: memórias e representações africanistas na escrita de Carolina Maria de Jesus. **Relatório de Pesquisa Intelectuais Afro-brasileiros (1944-1988)** UFPB, s/n, 2010, p. 76-85.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LEVINE, Robert M. & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Sacramento MG: Bertolucci, 2015.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Anos ou danos dourados? Modernização, escrita feminina, diários mineiros - Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. In: Aline Alves Arruda, Iara Silva Barroca, Luana Tolentino, Maria Inês Marreco (Orgs.) **Memorialismo e Resistência**: estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: uma experiência marginal e construção estética. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/pt-br.php>; acessado em: 12/12/2022.
- PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seus diários. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22,

Brasília, jan/jun/2003, p. 63-83. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944> Acesso em: 20/04/2020.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SOIHE, Rachel. 2003. “Mulheres e biografia: significados para a história”. **Locus: Revista De História** 9 (1). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573> Acesso em: 07/12/2022.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Maringá na linha História, Cultura e Narrativas, sou integrante do HCIR - grupo de pesquisa História das Crenças e Ideias Religiosas, coordenado pela professora Dra. Vanda Fortuna Serafim, orientadora deste projeto de investigação. Atuo como professora de História do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Educação do Paraná (SEED). E-mail: [ariammarcal@yahoo.com.br](mailto:ariammarcal@yahoo.com.br)

<sup>ii</sup> A Escrava Isaura, de autoria de Bernardo Guimarães teria, segundo Santos (2009), influenciado de forma preponderante sua escrita. Na visão do autor, em alguns momentos Carolina representa a si partindo desta personagem.